

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 365/2015

TERROR EM PARIS

A estupefação prende as idéias e a fala; é a primeira reação de horror; depois, lentamente, a gente consegue respirar e retomar o pensamento. E aparece a manifestação do Estado Islâmico, assumindo a responsabilidade e apresentando sua motivação: Paris é a capital da devassidão, e a França entrou na guerra contra o EI.

A primeira não é uma razão mas, ao contrário, a desrazão de um radicalismo religioso, este desatino doentio que acomete o ser humano e o conduz ao crime hediondo: quanta gente honrada, pacífica e lúcida foi queimada viva nas fogueiras religiosas do cristianismo.

A segunda é uma razão que tem sentido e requer consideração.

A barbárie do Estado Islâmico lesa a Humanidade e tem de ser combatida; e o uso da força, neste caso, é politicamente inevitável. Entretanto, esse combate tem que encontrar uma fórmula mais complexa e eficaz, que nem sempre coincide com os interesses do grande capital. Drones que matam líderes do Islamismo radical e bombardeios das regiões radicalizadas podem realimentar o radicalismo e têm de ser acompanhadas de outras medidas, outros esforços de distensão. Há franceses no exército islâmico, alistados por vontade própria; por quê?

Há uma história longa de dominação e exploração pela força exercida pelas nações ocidentais, inclusive a França, no Oriente Médio e nos países islâmicos do Norte da África. É uma história mais recente, contemporânea, de agressão violenta e unilateral do Ocidente para depor líderes que mantinham uma certa estabilidade na Região mas contrariavam interesses do grande capital: Sadam Hussein no Iraque, Muamar Kadafi na Líbia, Bashar Al-Assad na Síria. Falsificando argumentos, inclusive, fraudulentamente, como no caso das armas químicas de Sadam que nunca existiram. Por quê? Para quê?

É uma história de ressentimentos que vêm de longe e se agravaram com a instituição de um Estado tipicamente Ocidental na Região – Israel. Ressentimentos velhos que se transformaram em ódios novos, com as recentes agressões armadas e com a política israelense de ocupações no território palestino. Num quadro de sentimentos tão radicalizados, não haverá nunca uma boa solução pelo lado das armas, pelos bombardeios, pelas ocupações, pela realimentação do ódio. Só se for a “solução final” dos nazistas, agora aplicada contra os muçulmanos. Francamente, não creio que seja esta a meta do grande capital. Ainda acredito na nossa civilização ocidental, nos valores morais e humanísticos que compartilhamos. E são esses valores que apontam para o diálogo, para o entendimento, a mediação, a difícil negociação de paz. O islamismo radical só desaparecerá com a mediação do islamismo não radical, predominante.

Dá para entender que a França, brutalizada, tenha desencadeado imediatamente a caça policial aos culpados e ordenado bombardeios de retaliação. Mas a França tem um governo socialista e uma respeitada tradição humanista. A França representa bem o conjunto dos valores ocidentais, sociais, culturais e políticos. A França vinha desenvolvendo, internamente, o mais destacado esforço de convivência democrática e civilizada com a cultura muçulmana. E com boa dose de êxito. Talvez até esta tenha sido uma das principais, senão a principal razão da insistente agressão do islamismo radical.

E, por essas características, a França não pode cair na armadilha da radicalização com o EI. Não pode e não cairá. A França tem a mais longa e sedimentada história de cultura e civilização do Ocidente. A França é referência primeira quando se pensa em refinamento da nossa cultura. A França saberá quebrar a cadeia da lógica do ódio e cumprir o seu papel de mediadora entre as duas culturas pelo lado ocidental; dar continuidade ao processo que já vinha exercitando com bom desempenho. A França teve a sua lição anti-radicalizante na guerra da Argélia. Não repetirá os erros.

Não há mais muitas palavras a dizer. Todo o mundo ocidental, o Brasil e a América Latina muito especialmente, está neste momento devotando a mais profunda e genuína solidariedade à França. E confiando na sua sabedoria política, na sua força civilizatória.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br